

ANÁLISE DA EFICIÊNCIA DO PROJETO DE EXTENSÃO “VAMOS CONHECER A NOSSA SEXUALIDADE” NO CONHECIMENTO DOS ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL DE UM COLÉGIO EM RIO BRANCO, ACRE, BRASIL

ANALYSIS OF THE EFFICIENCY OF THE EXTENSION PROJECT "LET'S BE AWARE OF OUR SEXUALITY" IN STUDENTS' KNOWLEDGE OF ELEMENTARY SCHOOL IN ONE SCHOOL AT RIO BRANCO, ACRE, BRASIL

Raylani do Nascimento Silva^{1*}, Luzineia Martins Farias¹, Fabrícia Fernanda Barros Cruz², Luís Eduardo Maggi³

1. Discentes do curso de Ciências Biológicas, CCBN, UFAC, Rio Branco AC.
2. Discente do curso de Medicina, CCSD, UFAC, Rio Branco AC.
3. Docente do curso de Ciências Biológicas, CCBN, UFAC, Rio Branco AC.

* Autor correspondente: e-mail: raylani.shalom2014@gmail.com

Recebido em: 09/01/2018; Revisado em 12/08/2018; Aceito em: 09/11/2018.

RESUMO

A temática da sexualidade trata sobre assuntos relevantes, buscando sempre a promoção de conhecimentos sobre o corpo e os cuidados necessários para o exercício sexual pleno. Vários projetos educacionais e de extensão universitária vêm sendo desenvolvidos e implementados em escolas e comunidades, com o intuito de disponibilizar informações sobre a temática da sexualidade, mas em geral, os impactos e a eficiência destas atividades têm sido pouco explorados. Partindo desse pressuposto, este artigo teve por objetivo analisar a eficiência do projeto de extensão “Vamos conhecer a nossa sexualidade”, através das concepções dos alunos do ensino fundamental II de uma escola pública localizada na cidade de Rio Branco - AC. A metodologia consistiu em uma abordagem do tipo mista, com predomínio de aspectos quantitativos. Os instrumentos de coleta de dados foram observações e questionários pré e pós-intervenção sobre a temática da sexualidade. O projeto apresentou maior eficiência com os conteúdos de HIV, Sífilis, Herpes Genital, Contracepção e Menarca. Em contrapartida os conteúdos sobre: eficácia da camisinha para prevenção de gravidez e algumas doenças sexualmente transmissíveis, mesmo após a intervenção não apresentaram a eficiência esperada. Embora alguns resultados apontem para a necessidade de intervenções mais intensivas, o desenvolvimento do projeto em sua totalidade foi bastante significativo, uma vez que proporcionou aos alunos novos saberes ou acréscimos a conhecimentos já adquiridos no convívio social e escolar.

Palavras-chave: Sexualidade, Adolescência, Ensino.

ABSTRACT

Sexuality addresses relevant issues, always trying to promote knowledge about the body and the care needed for full sexual activity. Several educational and university extension projects have been

implemented in schools to convey information about this topic, but in general the efficiency of these activities has been little explored. The aim of this article is to report the experience regarding the extension project "Let's be aware of our sexuality?" carried out in one elementary school at Rio Branco-AC. The methodology was a mixed type, with predominance of quantitative aspects. The instruments of data collection were observations, pre and post-intervention questionnaires about sexuality. The project showed greater efficiency with the contents of HIV, Syphilis, Genital Herpes, Contraception and Menarche, because initially these contents were little known by most students or unknown to some. It was observed that some content, such as the efficacy of the condom for pregnancy prevention and some sexually transmitted diseases, even after the intervention, did not show the desired grade. Despite this, it can be said that the development of the project in the school was quite significant, since it provided students new knowledge and addition to knowledge already acquired in social and school life.

Key-words: Sexuality, Adolescence, Teaching.

1. INTRODUÇÃO

A adolescência é considerada uma etapa da vida na qual a personalidade do indivíduo encontra-se em transição entre a fase infantil e a adulta. Mudanças físicas, psicológicas e sociais tornam-se eminentemente expressivas, durante esse período complexo de transformações, é normal que os jovens se sintam confusos e objetive compreender, socialmente e culturalmente o mundo a sua volta, e a afirmação da sua identidade[1]. Durante esse período, fatores de ordem biológica, psicológica e social estão concorrendo para a formação da identidade sexual. Fatores biológicos desencadeados pela secreção de hormônios irão provocar alterações físicas corporais, que vão desde o crescimento e desenvolvimento das características sexuais secundárias, até a maturação do aparelho reprodutor, tornando homens e mulheres aptos para a reprodução. Estas mudanças são sentidas também na esfera psicológica, visto que as alterações no esquema corporal faz com que o adolescente reestruture em nível intrapsíquico, a representação de seu próprio corpo [2].

É nessa fase que estão presentes os conflitos, questionamentos, curiosidades, percepções, relativas à identidade sexual, responsabilidade social e relacionamentos afetivos, bem como os tabus. Nela, os jovens tornam-se mais vulneráveis diante das informações propagadas pela mídia e o ambiente escolar. A falta de informação adequada tende a tornar os adolescentes mais suscetíveis a situações de vulnerabilidade tais como a ocorrência de gestações indesejadas e o contágio de doenças sexualmente transmissíveis [3].

Socialmente, uma gama de estímulos atinge os adolescentes, pois os mesmos tendem a sofrer influências de muitas fontes como: livros, escola, pessoas e mídia. Essas fontes podem atuar de maneira decisiva na formação sexual de crianças, jovens e adultos, através da veiculação de propagandas, filmes e novelas que propagam mensagens de cunho erótico, de forma a favorecer a

construção de conceitos errados e fantasiosos sobre a sexualidade. Tal situação torna se corriqueira, pela ausência ou flexibilização do controle e cuidado seja por parte da família e da sociedade, o que acabam favorecendo a excitação e ansiedade relacionada às curiosidades e fantasias sexuais [4].

A educação sexual lecionada atualmente no contexto escolar, ainda é ofertada de maneira incipiente, sem o devido planejamento que objetive ajudar os jovens no entendimento sobre a sexualidade e a educação sexual [5]. A incumbência maior em instruir os adolescentes continua sendo dos pais, no entanto tal responsabilidade sobrecarrega sobre a escola. Essa falta de diálogo por parte dos pais tende a promover a não confiança dos adolescentes nos adultos, induzindo os a procurarem respostas para suas curiosidades em diversas fontes, não obtendo, na maioria das vezes, respostas objetivas [1].

Dentro deste cenário de mudanças, alguns pontos têm sido motivo de muitas preocupações, propostas e intervenções tais como: a gravidez indesejada, AIDS, abuso e violência sexual, prostituição, entre outras. Um dos fatores que tem contribuído para vulnerabilidade dos jovens em relação às doenças sexualmente transmissíveis é o início prematuro da vida sexual [4].

Observa-se que muitos adolescentes não possuem informações adequadas sobre os riscos que existem na prática sexual sem as precauções necessárias. O melhor meio de se evitar a contração do HIV/AIDS, ainda é por meio de ações que promovam a conscientização dos jovens, sobre o uso dos métodos contraceptivos. O jovem deve ser orientado, desde cedo, a se prevenir das, por meio de diálogos abertos e de práticas educacionais que possibilite os a exposição de suas dúvidas, rompendo dessa forma com os tabus existenciais. Desta maneira, o indivíduo vai sendo gradativamente capacitado para que perceba e lide com os riscos que envolvem uma relação sexual [3].

Estudos revelam que o público jovem é o mais vulnerável a ocorrência de DST's, e principalmente ao HIV. Segundo dados da Organização Mundial da Saúde, a maioria dos jovens tem iniciado a prática sexual cada vez mais cedo, geralmente entre 12 e 17 anos. Estima-se que no Brasil, a cada ano, quatro milhões de jovens tornam-se sexualmente ativos e que ocorram cerca de 12 milhões de infecções por DST's ao ano, das quais, um terço em indivíduos com menos de 25 anos [6].

É importante ressaltar que os adolescentes têm direito à informação e a educação em saúde sexual e reprodutiva, pois no contexto atual dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) é papel preponderante da escola, propiciar o domínio dos recursos capazes de levar estes temas à discussão, bem como também o acesso aos meios e métodos que os auxiliem a evitar uma gravidez não planejada e a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis/HIV-AIDS, respeitando-se a sua liberdade de escolha [7].

Apesar disso, conteúdos sobre direitos sexuais e reprodutivos são pouco conhecidos dos adolescentes. Atrelada a essa perspectiva, as intervenções sobre sexualidade devem perpassar

temáticas, envolvendo desde o conhecimento do próprio corpo, ao ato sexual em si. Apesar disso, observa-se que os professores não recebem apoio ou orientação para falar sobre o assunto. Na maioria das vezes, o adulto tende a falar da biologia da reprodução e não se aprofunda nos demais aspectos já citados [8].

O professor não precisa ser um especialista em educação sexual, mas um profissional devidamente informado sobre a sexualidade humana, sendo capaz de criar contextos pedagógicos adequados e estratégias de informação, de reflexão e de debates, de forma que os conhecimentos sejam reciclados e comumente atualizados. [9]. Trazer para a sala de aula, temas como gravidez na adolescência – maternidade e paternidade, cadeia de transmissão das infecções sexuais, envolvimento afetivo-sexual com pessoas, autoerotismo, virgindade, direitos humanos e direitos sexuais, dentre outros pode constituir o ponto de partida para que os estudantes recebam esclarecimentos e repensem seus medos, mitos, tabus, valores, atitudes e sentimentos com relação à sexualidade, já que a escola é o ambiente favorável para esse tipo de ensino [10].

Os Parâmetros Curriculares Nacionais definem a orientação sexual como um dos temas transversais que devem perpassar toda concepção e estruturação do ensino fundamental e médio em nosso país [7], uma vez que a escola é um órgão vivo e a vida é um desafio contínuo. Ao abraçamos a educação sexual estamos abraçando o “viver”. O viver é dinâmico. Há sempre uma busca, seja intelectualmente, seja de crescimento ou felicidade. Todos têm o direito, o dever de buscar a felicidade. A educação sexual sadia e contribuirá para isso [1].

Vários projetos educacionais e de extensão universitária vem sendo desenvolvidos e implementados em escolas e comunidades, com o intuito de levar informações sobre a temática da sexualidade, mas em geral, os impactos e a eficiência destas atividades têm sido pouco explorados[11]. Partindo desse pressuposto, este artigo teve por objetivo analisar a eficiência do projeto de extensão “Vamos conhecer a nossa sexualidade”, através das concepções dos alunos do ensino fundamental II de uma escola pública localizada na cidade de Rio Branco - AC. O projeto desenvolvido teve por intuito orientar os alunos a respeito da sexualidade e educação sexual, como forma de maximizar atos e escolhas conscientes a respeito do seu próprio corpo e relacionamentos socioafetivos. Contribuindo assim para a minimização de eventuais vulnerabilidades pela falta de informações.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

A presente pesquisa consiste em um relato de experiência, resultante do projeto de extensão intitulado “VAMOS CONHECER A NOSSA SEXUALIDADE”, realizado no período que

compreende o mês de abril do ano de 2015 ao mês de fevereiro do ano de 2016. Tendo como público alvo, quatro turmas do 9º ano do ensino fundamental da Escola Estadual Raimundo Gomes de Oliveira, situada no conjunto Tucumã, em Rio Branco – Acre. A metodologia utilizada incorpora elementos de abordagem mista, com predomínio de estatística descritiva e aspectos quantitativos com tendência de pesquisa-intervenção. A pesquisa quantitativa fornece a descrição de métodos estatísticos através de dados amostrais, obtidos de um conjunto complexo, traduzidos em números, opiniões e informações, cuidando para que essas representações simplificadas estabeleçam relação entre o todo [12].

Os instrumentos de coleta foram questionários semiestruturados e observações. Os dados coletados foram analisados atendendo os pressupostos do método de análise dos conteúdos. A pesquisa contou com quatro momentos principais: apresentação do projeto; aplicação do questionário pré-mediação; desenvolvimento dos ciclos de oficinas; aplicação do questionário pós-mediação; e análise dos dados coletados.

Ambos os questionários aplicados aos alunos apresentavam o mesmo padrão estrutural, compostos por 17 questões com a combinação de respostas múltiplas e respostas abertas relacionadas aos conteúdos trabalhados no decorrer do projeto, diferenciados apenas, pelo tipo de mediação (Apêndice I). O questionário pré-mediação foi proposto para verificar as concepções prévias dos alunos sobre a temática da sexualidade.

Durante o desenvolvimento do ciclo de oficinas foram abordados os conteúdos sobre: aparelho reprodutor masculino e feminino, resposta sexual humana, modificações do corpo durante a adolescência, desejo sexual, namoro, "ficar", casamento, relação de parceria e companheirismo, paternidade/maternidade, planejamento familiar, métodos contraceptivos, DST/IST/AIDS, gravidez na adolescência e seus desdobramentos, história familiar, sonhos da infância, e possibilidades de realização pessoal e profissional.

Ao término do ciclo de oficinas foi feita a aplicação do questionário pós-mediação, com o intuito de caracterizar as possíveis contribuições do projeto no conhecimento dos alunos. Os dados obtidos foram analisados em planilha eletrônica, cujos valores foram distribuídos em frequências absolutas e relativas expostos em tabela para melhor apresentação dos dados.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após a análise dos questionários pré e pós-mediação aplicados aos alunos relacionados à temática da sexualidade, os resultados foram os seguintes: quando perguntado inicialmente se os

meios de comunicação poderiam de alguma forma influenciar o exercício da sexualidade, 61,7% dos alunos admitiram que o exercício da sexualidade pode ser influenciado pelos meios de comunicação. O adolescente desassistido de amparo sobre sua sexualidade tende a recorrer aos meios de comunicação, o que pode vir a gerar informações equivocadas ou até mesmo agregar mais dúvidas. É nessa busca desenfreada por tentar compreender e lidar com as transformações eminentes que “a mídia pode se constituir como uma das fontes de estímulos sexuais [...] em que a sexualidade é tratada muitas vezes com excesso de naturalidade” [13].

Sobre onde, ou com quem costumam tirar dúvidas sobre assuntos relacionados à educação sexual, 38,3% assinalaram tirar dúvidas com pais e familiares adultos, 31,8 %, com amigos e/ou parentes da mesma idade. Com base nos resultados obtidos, percebe-se que os adolescentes dão preferência por orientações providas dos pais e adultos. Similaridades de resultados são evidentes em estudos sobre a temática da sexualidade, evidenciando que as discussões promovidas no seio familiar sobre o assunto, ainda são fracas e enfrentam resistências. Embora os pais reconheçam a necessidade dos diálogos sobre orientação sexual, sentem-se inseguros e envergonhados [14].

Ao classificarem o nível de conversa numa escala de 0 (ruim) a 5 (excelente) sobre temas relacionados com a sexualidade discutida em casa, a média foi de $2,4 \pm 1,6$. Os pais do presente século, ainda não se encontram preparados para dialogar sobre sexualidade e relação sexual com os filhos. Haja vista que pais e filhos pertencem a gerações diferentes, cujos valores se diversificam e são fortemente influenciados por contextos históricos, sociais, culturais, educativos e religiosos. Em meio ao dinamismo desenfreado de inovações tecnológicas e a mudanças de valores, os pais se sentem inseguros e por vezes desprovidos de embasamento teórico, para a abertura de diálogo, uma vez que alguns pais não compreendem a complexa dinâmica da sexualidade [15]. Essa falta de diálogo abre lacunas para que os filhos procurem respostas para suas dúvidas fora de casa [16].

Sobre conhecer o próprio corpo e o seu funcionamento, antes da mediação 68,2 % afirmaram ter um bom conhecimento sobre o assunto, após o projeto de extensão, este valor subiu para 74,2%. O nível de conhecimento obtido antes das apresentações promovidas pelo projeto já era esperado, uma vez que, estes alunos já tinham tido um primeiro contato com os conteúdos em sala de aula, por se tratar de turmas do 9º ano do ensino fundamental.

Quando questionados sobre o que era menarca, 85%, da turma responderam não saber, revelando pouca familiaridade ou até mesmo desconhecimento quanto à denominação de um nome à primeira menstruação, o que de certa forma é compreensível, pois sua definição é pouca difundida ao contexto social vigente. Com a intervenção, obteve-se uma porcentagem média de 74,2%, de conhecimento.

Quanto ao hábito de análise das partes íntimas e o conhecimento das peculiaridades de seus corpos: 45,8% dos alunos manifestaram já ter se olhado ou se tocado, 54,2% expressaram não demonstrar interesse, por tal descobrimento. Os resultados apontam que muitos alunos não costumam ter interesse ou curiosidade no autoconhecimento do corpo, haja vista que tal ação não faz parte do contexto cultural desses alunos. Em comparação com a porcentagem anterior dos que afirmavam fazer análise de suas partes íntimas houve uma elevação para 58,3%. Um aumento pouco significativo, dada à importância da análise como descoberta do corpo, incidência de doenças e a adoção de práticas de cuidado e saúde do corpo. A imaturidade aliada à falta de conhecimento tende a se constituir agravantes para casos de vulnerabilidade na adolescência, dado que essa fase enfrenta mudanças físicas, emocionais e sociais. Tornando-se relevante à oferta de apoio e orientações, que visem à redução dos riscos a vulnerabilidades emocionais e sexuais [17].

Ao indagar se os alunos conheciam casos de gravidez precoce: 87,9% sustentaram conhecer ou a já ter conhecido casos dentro do seu convívio social. É bastante comum entre os adolescentes casos de gravidez precoce. Ao definirem qual seria a idade ideal para o início da prática sexual, a análise estatística descritiva indicou que a média de idades informada pelos alunos foi de $17,8 \pm 2,6$ anos tendo um valor mínimo de 9 anos e máximo de 25 antes da mediação. Após a mediação, a média foi de $18,7 \pm 3,6$, com o valor mínimo de 14 e máximo de 30 anos. Verifica-se que muitos alunos atribuem à prática sexual para a maioridade.

Foram também indagados sobre aonde ir para receber esclarecimentos e orientações sobre Infecções Sexualmente Transmissíveis, Doenças Sexualmente Transmissíveis e métodos contraceptivos: 33,6%, responderam saber muito bem aonde ir. A maioria dos alunos não costuma buscar orientações com profissionais da saúde. Sobre a ida regular ao médico, 70,1%, respondeu não procurar por atendimento, evidenciando que não é comum entre os adolescentes o acompanhamento médico, o que tende a torná-los vulneráveis a ocorrência de doenças.

As questões a seguir fazem referência ao grau de conhecimento que os alunos julgavam ter sobre temas relevantes, inicialmente e posteriormente a mediação do projeto de extensão. Para caracterização do grau de conhecimento e concepções dos alunos, adotou-se os seguintes níveis: muito, médio, pouco, ruim e nenhum, seguido pela porcentagem de preferência dos alunos aos níveis correspondentes. Em relação ao tema HIV/AIDS, inicialmente os alunos apresentavam conhecimentos equivalentes entre muito e bom totalizando 43% do total geral dos alunos alcançados, ao final das oficinas, obteve-se resultados de 84,0%. O tema sobre IST/DSTs apresentou níveis entre muito e bom com 55%, com acréscimo para 87%.

Ao inquirir sobre as mudanças e transformação do corpo humano, houve variação significativa de níveis. A princípio os conhecimentos estavam voltados a muito com 30%, e bom com 45%, após

a ocorrência do projeto de extensão, a porcentagem dos que constataram saber muito subiu para 56%, e bom foi para 30%. Sobre conhecimentos relacionados à gravidez, inicialmente estava entre muito e bom 71,0%, saltando para 88,6%. No que se refere à contracepção 23 %, dos alunos ter muito e bom conhecimento sobre o assunto, ao final das oficinas somou se 80 %.

Na sondagem dos conhecimentos sobre algumas doenças sexualmente transmissíveis, os resultados das respostas positivas apresentaram as seguintes variações: Gonorreia: antes 60,9 % após as oficinas 91,0 %; Hepatite B e C: 80,0 % antes e 99,0 % após; Sífilis: de 56,0 % subiu para 92,5 %; Herpes Genital: partiu de 54,8 % para 89,6%; HPV: partiu de 78,0% para 95,3%, após a mediação.

Os resultados demonstram que muitos alunos acreditam estar bem informados quanto aos tipos de doenças que podem ser transmitidas durante a prática sexual sem o uso de preservativos, porém é pouco o entendimento das implicações dessas doenças para o ser humano. As DSTs se constituem um grave problema de saúde, podendo comprometer drasticamente a qualidade de vida e a saúde reprodutiva dos adolescentes, com patologias diversas além de facilitar a transmissão sexual do HIV[18].

A fim de sondar o nível de conhecimento dos alunos quanto à importância dos métodos contraceptivos e sua efetivação para a prevenção de uma gravidez indesejada e contágio de doenças. Foram propostas perguntas com três opções de respostas: verdadeiro, falso e não sei (Tabela 1). Em relação à questão “a”, buscou-se verificar a crença de que todos os métodos contraceptivos, quando utilizados adequadamente, sempre previnem HIV. Inicialmente ao projeto 35,8 %, dos alunos confere a questão como falsa, com o termino das atividades tais constatações se expressam em 45,7%. Porém, grande parte desse público 47,6%, ainda acredita na veracidade das informações contidas na questão proposta, dando indícios de que esses conteúdos precisam ser trabalhados com maior enfoque entre o público jovem. Ações educativas continuadas sobre prevenção de IST/DSTs precisam ser provocadas e sustentadas, com intuito de conscientizar adolescentes e jovens quanto aos riscos de contágio, uma vez que as oportunidades de um relacionamento sexual nessa fase podem ser encaradas como uma relação prazerosa sem conseqüências futuras, menosprezando a adoção de condutas preventivas [19].

A questão “b” faz referência a uma das possibilidades em que a gravidez pode ocorrer. A análise prévia do discernimento dos alunos quanto aos riscos de uma gravidez, revela que apenas, 43,0% dos alunos detinham conhecimentos legítimos. Após as mediações nota-se um acréscimo no de conhecimentos correspondentes a 76,9%, demonstrando como pode ser proveitosa à realização de oficinas nas escolas voltadas à temática. A análise da questão “c” aponta que anterior às intervenções, a maioria dos alunos julgava saber dos riscos de uma primeira relação sexual equivalendo a 74,5%, ao final os resultados foram acrescidos a 82,7%. A questão “d” indica que 35,5 %, dos alunos

apresentavam dúvidas concernentes as DSTs e suas sintomatologias, ao termino foi observado que 51,9% dos alunos entenderam esta relação.

Tabela 1. Frequência relativa das respostas obtidas após a aplicação dos questionários, sobre métodos contraceptivos, gravidez e DSTs, antes e depois da intervenção.

Perguntas:	ANTES			DEPOIS		
	V	F	N/S	V	F	N/S
a) Todos os contraceptivos, quando utilizados adequadamente, sempre previnem HIV, o vírus que pode causar AIDS.	34,9%	35,8%	29,3%	47,6%	45,7%	6,7%
b) Uma garota pode ficar grávida se tiver relação sexual em pé	43,0%	7,5 %	49,5%	76,9%	13,5%	9,6%
c) Uma garota pode ficar grávida na sua primeira relação sexual	74,5%	11,3%	14,2%	82,7%	7,7%	9,6%
d) Se alguém tiver uma doença sexualmente transmissível (DST), pode não ter nenhum sinal ou sintoma.	33,7%	30,8%	35,5%	51,9%	36,8%	11,3%
e) Todas as doenças transmitidas pelo sexo podem ser curadas através de tratamento médico	15,9%	58,9%	25,2%	23,1%	66,3%	10,6%
f) É fácil conseguir camisinhas nos Postos de Saúde	89,7%	2,8%	7,5%	93,2%	1,9%	4,9%
g) A camisinha possui único papel, ou seja, proteção contra a gravidez.	22,1%	63,5%	14,4%	38,1%	58,1%	3,8%

4. CONCLUSÃO

A sexualidade é inerente à vida e a saúde humana. As constantes modificações políticas, econômicas e sociais reconfiguram novos paradigmas e estabelecem novos valores e concepções. Arelado a essa perspectiva de mudanças e transformações, a temática da sexualidade e educação sexual alcança novos patamares de significações na sociedade contemporânea. Em meio a essa nova

configuração de mundo tecnológico, em que a informação é disponibilizada sem restrições, pais, alunos, escola e profissionais de saúde, precisam se unir e repensar suas ações e responsabilidades frente a nossa configuração de mundo. De forma a aperfeiçoar o papel da escola e dos conteúdos disponibilizados no processo educativo e formativo do aluno, frente à disponibilidade dos recursos tecnológicos.

Sendo imprescindível a intensificação de ações voltadas à orientação sexual no ambiente escolar, não no sentido de promover o exercício da prática sexual; mas à de perpetuar o conhecimento necessário para redução de vulnerabilidades sexuais e a instabilidade a saúde. Pois embora os alunos possuam conhecimentos básicos ofertados no ambiente escolar com ênfase nos conteúdos sobre o corpo humano e as doenças sexualmente transmissíveis, ainda existem discrepâncias em suas concepções ao relacionarem tais conteúdos com o processo formativo humano, sendo a mediação escolar de fundamental importância para a formação de jovens multiplicadores de conhecimentos futuros conscientes.

A oferta de projetos com finalidade de intervenções no contexto educacional se constitui como excelente ferramenta mediadora de conhecimento, pois ao mesmo tempo em que se objetiva promover a informação, oportuna também à agregação de conhecimentos e a troca de experiências através da participação dinâmica e ativa, sem cobranças ou tabus. Essa aproximação, aliada à troca mútua de informações, dão subsídios para posterior consolidação do exercício pleno e saudável da sexualidade, educação sexual e a maturidade sexual.

5. REFERÊNCIAS

- [1]. PIASENTIM, RL de A; Braga ERM. **Sexualidade e adolescência nas 5ª serie.** (2009) Portal Educacional do Estado do Paraná. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2273-8.pdf> >,[acesso 7 de set 2018].
- [2]. SILVA, M S ; SILVA, M R ; ALVES MFPA. Sexualidade e Adolescência: É preciso vencer os tabus. in *An do 2º Congr Bras Extensão Univ*, 2004.
- [3]. BESERRA, EP; PINHEIRO, PNC; ALVES, MDSA; et al. Adolescência e vulnerabilidade às doenças sexualmente transmissíveis : uma pesquisa documental. *dst - J bras Doenças Sex Transm*; v.20: p. 32–352008.
- [4]. MORAIS, T R; MORAIS, MR. A. Sexualidade na adolescência como um problema de saúde pública. *Facene/Famene*; v.10: p. 67–74, 2012.
- [5]. MAMPRIN, AMP. **A importância da educação sexual na escola para prevenção de conflitos gerados por questões de gênero.** Portal Educacional do Estado do Paraná. Disponível em:< <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1940-8.pdf>>, [acesso 7 de set 2018].

- [6]. SILVA, R. Quando a escola opera na conscientização dos jovens adolescentes no combate às DSTs. **Educ em Rev**; v. 57, p. 221–238, 2015.
- [7]. MEC. Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual. SEF - Secretaria de Educação Fundamental. Brasília/DF. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro101.pdf>> (1997), [acesso 7 de set 2018].
- [8]. MAROLA, C A G; SANCHES, C S M; CARDOSO LM. Formação de conceitos em sexualidade na adolescência e suas influências. **Psic da Ed**, v. 33, p. 95–118, 2011.
- [9]. Moizés, JS; Bueno, SMV. Compreensão sobre sexualidade e sexo nas escolas segundo professores do ensino fundamental. **Rev da Esc Enferm**. v. 44: p. 205–212, 2010.
- [10]. MIRANDA, P. R. M; FREITAS, F. E. L; SILVA C. N. Concepções e temas correlatos de sexualidade de alunos do Ensino Fundamental. in **X Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências – X ENPEC**. 2015.
- [11]. CIPRIANO, MA; FARIAS, M do CAD de; ABRANTES, MJG de, et al. Educação Sexual; Sexualidade; Adolescência . In: **IV Encontro de extensão da UFCG, IV MUCA - Mostra Universitaria de Ciencia, Cultura e Arte**. 2007.
- [12]. GIL, AC. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. Sao Paulo SP, 2002.
- [13]. LIMA, CS; SABÓIA, VM. Sexualidade e saúde na adolescência : relato de experiência. **Acad Rev Científica da Saúde**; v.2, n.1, 2017.
- [14]. SAVEGNAGO, S dal O; ARPINI, DM; Conversando sobre sexualidade na família: olhares de meninas de grupos populares. **Cad Pesqui**. v. 43, n. 150, p. 924–947, 2013.
- [15]. NERY, IS; FEITOSA, JJ de M; de SOUSA, AFL, et al. Abordagem da sexualidade no diálogo entre pais e adolescentes. **Acta Paul Enferm**. v. 28, n.3, p. 287–92, 2015.
- [16]. KRABBE, EC. et al. Escola, sexualidade, práticas sexuais e vulnerabilidades para as infecções sexualmente transmissíveis (IST). **Rev Interdiscip Ensino, Pesqui e Extensão**. v. 4, n. 1, p. 75–84, 2017.
- [17]. MOREIRA, BL da R; FOLMER, V. Educação sexual na escola: Construção e aplicação de material de apoio. **Experiências em Ensino Ciências**. v. 6, n. 2, p. 151–160, 2011.
- [18]. DIAS, FLA; da SILVA, KL; VIEIRA, NFC, et al. Riscos e vulnerabilidades relacionados à sexualidade na adolescência. **Rev Enferm**. v. 18, p. 456–461, 2010.
- [19]. CANO, MAT; FERRIANI, MDGC; GOMES, R. Sexualidade na adolescência: um estudo bibliográfico. **Rev Lat Am Enfermagem**. v. 8, n. 2, p. 18–24, 2000.

12. Qual idade você acha ideal para a iniciar a vida sexual?			
		SIM	NÃO
13- Você conhece alguém que se engravidou muito cedo?			
Cite a idade dela.			
14- Em qual Idade você acha ideal para a formação de uma família?			
15- Você vai ao médico regularmente?			
Se sim, você já falou sobre sexualidade para ele?			
16- Você conhece essas doenças:		Sim	Não
Gonorréia			
Hepatite B e C			
Sífilis			
Herpes genital			
HPV			
17- Marque V para verdadeiro e F falso:		Verdadeiro	Falso
h) Todos os contraceptivos, quando utilizados adequadamente, sempre previnem HIV, o vírus que pode causar AIDS			
i) Uma garota pode ficar grávida se tiver relação sexual em pé			
j) Uma garota pode ficar grávida na sua primeira relação sexual			
k) Se alguém tiver uma doença sexualmente transmissível (DST), pode não ter nenhum sinal ou sintoma			
l) Todas as doenças transmitidas pelo sexo podem ser curadas através de tratamento médico			
m) É fácil conseguir camisinhas nos Postos de Saúde			
n) A camisinha possui único papel, ou seja, proteção contra a gravidez.			